

## EDUCAÇÃO, CINEMA E GEOGRAFIA ESCOLAR<sup>1</sup>

Renato Cesar Aragão Mendes Junior<sup>2</sup>  
Emilio Tarlis Mendes Pontes<sup>3</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a relação entre cinema e ensino de geografia. As mudanças que vem ocorrendo mundo afora, exigem da escola, a adoção de metodologias criativas em sala de aula, a fim de possibilitar ao aluno, uma compreensão crítica desses acontecimentos. Através da bibliografia existente sobre o tema e uma oficina pedagógica, busca-se entender aqui a relação existente entre os dois.

**Palavras-chave:** Escola; Cinema; Ensino de geografia; Paisagem.

### ABSTRACT:

The purpose of this article and discuss the relationship between cinema and the teaching of geography. The changes that has taken place around the world, require the adoption of school creative methodologies in the classroom, in order to enable students, a critical understanding of these events. Through the existing literature on the subject and a pedagogical workshop, we seek to understand here the relationship between the two.

**Keywords:** School; Cinema; Geography education; Landscape.

### INTRODUÇÃO

O século XXI, que surge marcado pela produção da informação em um ritmo extremamente acelerado, pela intensificação das trocas sociais e econômicas, pela diluição das fronteiras territoriais e o rápido crescimento e propagação dos inventos tecnológicos, emerge exigindo dos processos e meios educativos escolares, uma postura concreta sobre o que fazer e como fazer para atender as emergentes demandas educacionais da sociedade.

Há a necessidade da escola em acompanhar o ritmo imposto pela sociedade, no sentido de saber conduzir a produção do conhecimento em meio a um universo de

---

<sup>1</sup> Artigo resultante do meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “O uso do Cinema na Geografia Escolar”, apresentado em 2015, no curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

<sup>2</sup> Aluno do Curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral-CE. E-mail: [renatocesar41@hotmail.com](mailto:renatocesar41@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Sobral-CE. E-mail: [tarlispontes@gmail.com](mailto:tarlispontes@gmail.com).

informações que, banalmente, fazem parte do cotidiano de todos os indivíduos, inclusive e, sobretudo, do aluno.

Nesse sentido, pontua-se que a escola deve, enquanto agente educativo do processo de formação humana e intelectual do aluno, encontrar meios que auxiliem na tarefa de ajudá-lo a interpretar esta gama de informações que surgem por intermédio dos meios de comunicação presentes global ou localmente em sua realidade.

Caminhando nesta direção, Albuquerque (2009, p. 348) ressalta um ponto importante sobre a relação que a escola deve construir no trato dessas informações em sala, pois, “se a realidade social em que está inserido o adolescente não for levada em consideração, no processo de ensino aprendizagem, ele não encontra identidade entre si próprio e o conteúdo oferecido pela escola”.

Com base nessa orientação, o presente artigo credencia-se a fazer reflexões no campo teórico, revisitando a bibliografia existente, e também no plano prático, através de experiências, lançando a ideia do cinema como mecanismo mediador do processo de ensino aprendizagem nas aulas de geografia ao trabalhar conteúdos ligados ao tema da Industrialização. Dessa maneira, o trabalho encontra-se dividido em três sessões, além desta introdução e algumas conclusões ao final.

Na primeira sessão, denominada *Sociedade, escola e as novas tecnologias na educação*, objetiva apreender como anda esta relação em pleno limiar do século XXI, buscando, sobretudo, destacar as possibilidades pedagógicas que surgem da inserção das novas tecnologias no contexto escolar. Para isso, se utilizou os estudos de Souza Neto (1999); Vesentini (2003, 2008); Oliveira (2010); Barbosa (2006); Pontuschka *et al.*, (2007); Oliveira Filho (2010); e Karnal (2012).

A segunda sessão, denominada *Cinema e educação geográfica: a propósito de um diálogo*, propõe uma reflexão sobre a relação entre cinema e ensino de Geografia, destacando as potencialidades pedagógicas do uso do filme na sala de aula por parte do professor de Geografia. Esta parte do trabalho está aportada nas análises de Vesentini (2003); Barbosa (2006); Campos (2006); Maia Filho (2009); Neves (2010); Queiroz Filho (2011); e Sousa (2011).

Já a terceira e última sessão, intitulada, *luz, câmera, ação: experiências com o áudio visual no PIBID em Sobral – CE*, é o momento em que as reflexões teóricas vão ser convergidas na prática, através de uma oficina sobre o tema *Industrialização*, realizada com uma turma do 2º Ano do ensino médio na Escola Estadual de Educação Profissional e Médio São José, Sobral, CE.

## SOCIEDADE, ESCOLA E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO.

Levando em consideração as recentes transformações que vem ocorrendo em nível mundial na quase totalidade das esferas sociais, acredita-se ser necessária a readequação da escola aos novos padrões exigidos por essas mudanças, sobretudo, sociais e políticas que vêm alterando profundamente a dinâmica da vida em sociedade.

Padrões estes, que tem exigido da escola atual uma postura diferente, tanto no plano político, no sentido de entender o seu papel dentro dessa nova dinâmica da sociedade, quanto na dimensão da sua prática, adotando em seu ambiente, recursos inovadores que possam superar aquelas velhas metodologias de aprendizagem, características do tradicionalismo educacional herdado dos jesuítas, ainda nos tempos de colônia.

Registrando a inserção de profundas marcas na história educacional de nosso país, a educação tradicional “é, necessariamente, um processo de adestramento mental e físico” (KARNAL, 2012, pp. 49-50). A filosofia reinante nesta concepção de educação relega o processo de aprendizado ao puro acúmulo e memorização de dados descontextualizados – na imensa maioria das vezes – da realidade vivida dos alunos.

Nesta situação, estão fadadas ao insucesso as possibilidades de *enxergar com olhos críticos* a geografia do cotidiano, pois “o educando, nesse caso, é agente passivo no processo ensino-aprendizagem” (SILVA, 2012, p. 07). É com base neste pensamento, que atualmente insurgem apelos que visam à renovação de sua prática pedagógica, e entre outros aspectos esta renovação começa pelo diálogo que deve ser travado entre a escola e as novas tecnologias que surgiram paralelamente no contexto de emergência dessa sociedade da informação.

A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades de linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação das informações e desenvolvendo a capacidade do aluno de assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também, novas formas de aprender. (PONTUSCHKA *et al.*, 2007 pp. 261-262).

A tentativa de readequação da escola aos moldes desta nova sociedade, no âmbito tanto político, enquanto instituição social, quanto pedagógico, no sentido de haver a renovação da sua prática pedagógica, é lançada enquanto esforço coletivo e necessário à criação de uma ou várias metodologias, que consigam em sua essência,

incorporar essa pluralidade de informações que vemos diariamente sendo difundidas através dos diversos meios de comunicação, em virtude de ser nossa vida hoje, “cada vez mais invadida por uma profusão voraz de imagens” (BARBOSA, 2006, p. 111).

Nesse sentido, supõe-se que a escola, ao passo que flexibiliza suas estruturas política e curriculares, no intuito de incorporar em sua prática as novas linguagens que surgiram recentemente, como é o caso da televisão, da propaganda, da internet e do cinema, avança readquirindo e afirmando que possui elementos capazes de desenvolver nos seus alunos, as competências e habilidades que lhes são exigidas para a vivência nesta sociedade caracterizada pelo(s) movimento(s). Caminhando nessa perspectiva, Piletti (1997, p. 40), ainda ressalta que “para despertar a consciência crítica, a educação não pode basear-se nos meios e métodos tradicionais”.

Contudo, deve-se admitir que os avanços alcançados nas últimas décadas pelas universidades brasileiras, no que cabe a reflexão pedagógica, tem sido incorporados de maneira lenta nos projetos escolares, propiciando um usufruto defasado desses avanços. A estrutura pedagógica arraigada, sobretudo, aos preceitos tradicionais do ensino, tem dificultado sobremaneira a escola, de acompanhar essas novas pesquisas que vem sendo desenvolvidas com objetivo explícito de possibilitar melhorias no processo de ensino e aprendizagem escolar.

Nota-se veemente um processo de estranhamento presente em muitas escolas, que inviabiliza o reconhecimento do potencial pedagógico e inserção das novas tecnologias como aportes metodológicos no ensino aprendizagem dos conteúdos escolares. Atitudes desta ordem favorecem um uso inadequado das tecnologias educacionais em sala, suprimem o caráter pedagógico que possuem estes mecanismos metodológicos, como é o caso do cinema, da internet, dos jogos, etc. “É necessário, portanto, que a utilização dessas mídias pelo professor ultrapasse a dimensão utilitarista e seja incorporada a novas possibilidades educativas” (OLIVEIRA FILHO, 2010, p. 8).

Em todo caso, a não inserção dessas novas tecnologias dentro da escola, pode possibilitar o empobrecimento de suas estruturas políticas e pedagógicas, e esta por sua vez, poderá comprometer a formação discente, ofertando um aprendizado acrítico e defasado, condicionando seus alunos a se portarem passivos reflexivamente, diante das transformações e mudanças sociais que vão emergindo nos distintos arranjos espaciais, como aponta os estudos de Karnal (2012); Oliveira (2010); Souza Neto (1999); Vesentini (2003; 2008).

Fruto desta ação tem-se o imediatismo do aluno que é incapaz de analisar criticamente as ações governamentais que se materializam no espaço geográfico onde está inserido, pois, em relação à escola,

A sua história tem sido a de valorização dos grandes projetos governamentais, de modo a ir construindo na mente das crianças conceitos de Estado, nação, governo, território, país, como realidades definidas e definitivas do ponto de vista do Estado capitalista. (OLIVEIRA, 2010, p. 135).

Diante desta ressalva, e com base no que os escritos em tela propõem, direcionamentos e reflexões devem ser dispensados na tentativa de pensar, dialeticamente, a utilização dessas novas tecnologias como a televisão, a internet, os jogos eletrônicos e o cinema, dentro do ambiente escolar visando tão somente, a construção de bases e elementos de uma pedagogia que venha a contribuir na formação de um sujeito provido de senso crítico, capaz de contextualizar as ações que vão sendo desencadeadas ao longo do tempo pelas diversas motivações existentes.

A utilização dessas novas tecnologias dentro do ambiente escolar se faz urgente, não apenas para fins de reestruturação curricular e/ou pedagógica. A humanidade presencia a emergência de uma etapa de sua história, em que os avanços tecnológicos proporcionam a produção de informações em ritmo desenfreado, desconexas e descontextualizadas de qualquer análise de procedência e veracidade científicas, que chegam ao aluno, sem que este saiba ao menos processá-la de maneira reflexiva. Portanto, diante disso insurge a necessidade de:

Na era da globalização, em que as informações chegam de forma muito rápida por meio da televisão, do cinema, do rádio, do vídeo, do computador, o trabalho pedagógico do professor enriquecer-se-á se ele utilizar todos esses recursos para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a compreender o mundo em que vive. (PONTUSCHKA *et al.*, 2007, p. 263).

Portanto, auxiliada dessas novas linguagens, algumas com alto poder educativo como o caso do cinema, a escola tem a seu dispor, bases e orientações pedagógicas que lhe credenciam a desenvolver uma maneira diferente ao trabalhar essas informações, com aulas dinâmicas e interessantes em sala, afinal, “uma boa aula é aquela que faz pensar, provoca reflexão e traz, com isso, uma nova percepção das coisas” (KARNAL, 2012, p. 94).

A inserção no ambiente escolar, das novas tecnologias, além de representar um avanço na compreensão da necessidade de se buscar continuamente a renovação da prática pedagógica, vem facilitar o estreitamento de diálogos com a ciência geográfica, oportunizando aos alunos, conhecer e interpretar o mundo pelas imagens do cinema, como assistiremos no próximo capítulo.

### **CINEMA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: A PROPÓSITO DE UM DIÁLOGO.**

O ensino de geografia tem como objetivo contribuir para uma visualização crítica acerca das espacialidades onde está inserido o aluno. Partindo dessa perspectiva de entendimento, tornar-se necessário incorporar as novas tecnologias educacionais no ensino de geografia, de forma a haver um diálogo que reconheça os ganhos pedagógicos que podem surgir dessa ação.

Agindo neste sentido, o ensino da Geografia estará provocando uma atualização de suas práticas e metodologias de ensino aprendizagem, que por sua vez, possibilitará ao aluno, fontes diversificadas de compreender o espaço onde vive, sendo capaz de refletir as contradições estabelecidas no espaço geográfico. A intencionalidade posta neste pensar, amplia-se ao partilhar da premissa de que,

Cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza (VESENTINI, 2003, p. 142).

No entanto, a simples adoção pelo professor dessas novas linguagens no ensino de Geografia não garante o aprendizado dos alunos. Enxergar dessa forma é politicamente perigoso e pedagogicamente um retrocesso na empreitada educacional. Conforme Sousa (2011, p. 123), “torna-se preciso incomodar os alunos com a problematização de acontecimentos sociais”.

Suscitar gradativamente a reflexão geográfica nos alunos é lançar as bases do entendimento dialético da relação – mormente insustentável para ambas as partes – entre sociedade e natureza, a partir das ações que frutificam desse modelo de sociedade em que vivemos atualmente, qual seja, a sociedade capitalista. Partindo das contradições sociais que se materializam no espaço geográfico, surge neste íterim um campo fértil de trabalho a ser explorado no ensino de geografia, e a incorporação dessas novas

linguagens vem favorecer a construção de um aprendizado de grande importância para a vida do aluno.

Dentre as diversas linguagens existentes, destaca-se a contribuição que o cinema pode oferecer ao ensino de geografia, por tratar-se de um recurso pedagógico de alto valor didático e possível de ser utilizado ao tratar de temas amplos, “pois seria a maneira mais imediata de chegar às primeiras perguntas inquiridas por um olhar geográfico” (MAIA FILHO, 2009, p. 210).

A sua inserção nas aulas de Geografia pode fornecer valiosas contribuições para a construção de um pensamento crítico em sala, pois, Queiroz Filho (2011, p. 68), afirma que “assistir a um filme é uma experiência geográfica”. Sendo assim, partindo da visão de que os alunos já possuem uma predisposição de aceitação ao filme, considera-se ser este recurso, um instrumento potencialmente facilitador do processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos em Geografia.

Neste artigo, o objetivo tenciona a utilização do filme em sala de aula, mas não por ele mesmo, pois, seria empobrecê-lo pedagogicamente, mas sim, por entender as possibilidades que faz gerar em termos de conhecimento. Reflexões podem ser instigadas tendo por base as espacialidades do filme, pois “todo filme possui uma espacialidade própria constituída de lugares, não-lugares e territórios” (NEVES, 2010, p. 147). Sobre o papel que o filme pode desempenhar em sala, enquanto instrumento pedagógico lúdico de ensino e aprendizagem:

O papel do filme na sala de aula é o de provocar situações de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar à serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. (BARBOSA, 2006, p. 112).

A sociedade de classes, permeada por contradições e conflitos sociais, estes por sua vez, vão implicar em mudanças no espaço geográfico em que vivemos, provocando novos ordenamentos espaciais que vão rebater inevitavelmente no cotidiano do estudante, e neste momento, o ensino da Geografia deve se fazer presente na tentativa de possibilitar este aluno, construir autonomamente sua leitura de mundo, para que possa compreender o contexto em que estas transformações vão surgindo.

Aqui reside a ideia de que a inserção do filme em sala de aula pode ajudar na mediação da leitura desta realidade, pois, segundo Queiroz Filho (2011, p. 64) “ao ser

captado pela câmera e transformado em imagem, o ‘real’ deixa ‘evidências’, do tempo, do lugar, das relações sociais e culturais de onde ele foi capturado”.

É neste sentido que o filme pode facilitar o trabalho do professor, mas, sobretudo do aluno no processo de compreensão da realidade geográfica, pois “com ele aparecem questões cognitivas, artísticas e afetivas de grande significado” (PONTUSCHKA *et al.*, 2007, p. 265).

Sousa (2011, p. 132) afirma que “a ideia é instigar as reflexões espaciais a partir das ‘espacialidades` do filme” gerando diálogos entre as imagens representadas, fazendo o entrecruzamento de realidades e irrealidades. Em outras palavras, provocar a ampliação da reflexão por meio do imaginário geográfico de cada um ao “estabelecer mediações sobre as relações entre o encenado e a vida cotidiana, entre a fantasia e a realidade, entre o que é revelado e o ocultado” (CAMPOS, 2006, p. 03).

Ao se propor trabalhar determinado conteúdo em sala de aula com o aporte do filme, o professor deve-se tornar um mediador, logo, provocador de situações de aprendizagem a partir das imagens do filme, este, refletindo cenograficamente as realidades geográficas mais diversas que se fazem presentes, mas também distantes da realidade do aluno.

Além do caráter didático do qual se reveste a utilização do filme no ensino de Geografia, é importante ressaltar, que do ponto de vista metodológico e mesmo do ensino aprendizagem, configura-se como um avanço, ou uma ressignificação de sua prática, uma vez que possibilita uma dinamização das formas de aprender, tornando o aprendizado algo prazeroso e instigante, sobretudo quando se propõe a desvendar a produção dos arranjos espaciais que circundam a escola, como é o caso dos alunos da EEEPM São José, em Sobral – CE.

### **LUZ, CÂMERA, AÇÃO: EXPERIÊNCIAS COM O AUDIOVISUAL NO PIBID EM SOBRAL - CEARÁ.**

O esforço teórico dispensado a analisar a utilização do cinema no ensino de geografia, pontuando as possibilidades de ganhos pedagógicos que pode oferecer a esta disciplina, transcorreu também para o campo da prática. A experiência oportunizada aconteceu na forma de uma oficina, aplicada a uma turma do 2º Ano “B” do ensino médio, na Escola Estadual de Educação Profissional e Médio São José, Sobral – CE, no turno da tarde, no segundo semestre de 2013, dentro do Programa Institucional de

Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em vista do leque de possibilidades de trabalho no ensino de Geografia, o tema da industrialização foi escolhido para ser trabalhado na oficina. Pois, tendo em vista que o processo de industrialização adentrou tardiamente às fronteiras dos países periféricos subdesenvolvidos, este, por sua vez, quando se materializou nesses territórios provocou a eclosão de expressivas mudanças, tanto econômicas e culturais, refletidas em padrões sociais emergentes na época, sobretudo de consumo, quanto espaciais, externalizada pelo aparecimento de uma nova paisagem, com indústrias, empresas, redes de telecomunicação, etc.

A existência dessa paisagem pode fomentar proposições de análises – caras ao estudante – acerca das interfaces do espaço geográfico, sobretudo, por intermédio do olhar atento do professor. Este olhar aguçado do professor de Geografia conduzirá a turma a observar e a pensar sobre o que há naquela paisagem. No entanto, diante desta proposição metodológica de análise do objeto visível,

não nos limitamos ao que é visualmente observável, mas procuramos registrar o detalhe e a composição da cena, fazendo perguntas, confirmações, itens ou elementos que são novos ou que desapareceram (SAUER, 2000, p. 140).

Para Campos (2006, p. 3), nas imagens do filme “muitas das realidades evocadas são ausentes, estando presentes apenas na imaginação, dissolvendo as fronteiras entre o imaginário e o real”.

Frente a isso, a ideia deste artigo tenciona não a criação, mas a provocação em torno de uma proposta pedagógica que venha possibilitar ao professor de Geografia, mecanismos didáticos necessários que proporcionem formas diversificadas de apreender os significantes – *imagens* – e significados – *conteúdos* - contidos na paisagem (MAIA FILHO, 2009).

Neste sentido, a oficina idealizada objetivou trabalhar por intermédio do uso do filme, o processo de industrialização em Sobral, haja vista que este conteúdo estava em consonância com o planejamento da disciplina na escola.

O objetivo ao construir a oficina, consistiu, sobretudo, em analisar o potencial didático e de ensino aprendizagem proporcionado pelo uso do filme na compreensão de temas geográficos, e também, a importância do entendimento do processo de industrialização para a vida dos alunos.

O esforço compreendeu primeiro a realização de um planejamento das atividades, onde num primeiro encontro, entre a professora de Geografia, os alunos da turma e o autor destes escritos, foram acordados como seriam as atividades. É importante ressaltar que os alunos mostraram interesse na proposta que lhes foi apresentada, se prontificando a colaborar com o trabalho, fato que contribuiu sobremaneira no processo de elaboração da atividade.

No campo do audiovisual, optou-se pela escolha do curta-metragem brasileiro *A ilha*<sup>4</sup> (figura 1), do diretor Alê Camargo, obra cinematográfica fértil nas possibilidades que faz gerar em termos de conhecimento em relação ao tema industrialização.



Figura 1: Cenas do curta-metragem *A ilha*<sup>5</sup>. 2015.

Na elaboração de uma proposta de aula com a utilização de filme, devem ser levados em consideração alguns aspectos, sobretudo, o que expõe Neves (2006, p. 02) “não parece muito correto utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para passar um filme e somente discuti-lo na outra semana”. Deve haver uma articulação que equipare o número de aulas e o tempo necessário à realização de todas as etapas da atividade sem risco de comprometimento da qualidade do trabalho.

Para o caso investigado neste artigo, a atividade foi programada com vistas à execução no período de quatro aulas. Sendo as duas primeiras, destinadas ao tratamento de conteúdos numa perspectiva mais teórica, sobre o tema da industrialização. Na terceira aula, o tempo foi despendido na preparação dos alunos, no sentido de que foram

<sup>4</sup>Sinopse: O curta-metragem “*A ilha*” conta a história de Edu, um rapaz que fica ilhado em uma grande metrópole. O filme aborda de maneira bem humorada os problemas e dificuldades de se viver em uma cidade grande, na qual as aparências enganam e o simples ato de se atrever a atravessar uma rua pode ser um problema.

<sup>5</sup>Fonte: <<https://www.google.com.br/search?q=curta-metragem+a+ilha&client=firefox&hs=JOD&rls=org.mozilla:pt-BR:official&channel=fflb&source>>. Acesso em: 14 de abril de 2015.

mostradas as vantagens em se trabalhar temários geográficos pela ótica das imagens cinematográficas. Na quarta aula, optou-se por dividi-la em duas instâncias de ação: a primeira destinada à exibição do filme, e a segunda, à realização da atividade prática.

Na etapa inicial houve a exibição do curta-metragem para os alunos na sala de vídeo da escola, (figura 2) por dispor de equipamentos técnicos necessários ao desenvolvimento da atividade. Neste momento, foi sugerido aos alunos o cuidado na observação dos lugares e paisagens mostradas ao longo das imagens, uma vez que “no cinema, especialmente, o aporte audiovisual de sua linguagem nos apresenta uma perspectiva imagética que nos evoca a reflexão a partir da imaginação” (GONÇALVES, 2009, p. 232).



Figura 2: Exibição do curta-metragem para os alunos. Fonte: Acervo do autor, 2013.

Com a temática da industrialização, foram selecionados quatro subtemas e dividido entre quatro grupos de alunos presentes na sala.

Na oficina, a ideia da formação de grupos de trabalho visando à divisão de tarefas entre os alunos envolvidos, ganha respaldo na visão de Souza Neto (2005, p. 250), onde afirma que “a realização de um ofício no interior de uma dada oficina cria, dentre outras coisas, uma identidade entre os indivíduos e os objetos que estes manipulam, as ferramentas que manuseiam, os processos com os quais interagem”.

Os subtemas elencados para a atividade com os alunos foram os seguintes: Empresas; Meios de transporte; Internet e Meios de comunicação. A partir daí cada grupo de trabalho ficou responsável pela produção/confecção de um cartaz temático, e ao final da atividade, de apresentar os resultados à turma e ao professor da disciplina.

Em função de entraves logísticos, a atividade realizou-se integralmente no ambiente da sala de aula – o que não tira o valor pedagógico e de ensino aprendizagem envolvido durante os trabalhos. Portanto, foi disponibilizado aos alunos livros, revistas,

apostilas e jornais como fontes de pesquisa para a seleção e recorte das imagens que tivessem alguma relação com o tema escolhido por cada grupo.

A ideia é a de provocar os alunos a partir das imagens do curta-metragem, despertando assim, a vontade em entender o processo de industrialização em suas variadas instâncias, formas e aparências.

Assistindo ao filme, o aluno tem a possibilidade de externalizar por meio da confecção do cartaz temático (figura 3), o conhecimento adquirido nas aulas anteriores de geografia, como também, o conhecimento empírico que ele já possui em torno do tema, adquirido por meio da sua vivência afetiva cotidiana.



Figura 3: Seleção das imagens, a partir de jornais e revistas. Fonte: acervo do autor, 2013.

Esta etapa é considerada crucial para o alcance dos objetivos da oficina, exigindo indispensável atenção, pois, é aqui que se faz sentir o teor pedagógico contido no filme ao explorar o tema sobre industrialização. Exercitando – mesmo que minimamente – a arte da pesquisa, os alunos debruçam-se sobre as fontes de pesquisa e vão selecionando as imagens que melhor expressam o significado do tema que foi solicitado.

Contudo, pontua-se aqui, sobre a postura a ser adotada pelo professor, que neste momento, recai como mediadora na condução do processo de ensino aprendizagem. O aluno precisa estar livre para externar o conhecimento que adquiriu. Após a finalização do cartaz temático, os grupos socializam os resultados obtidos, explicando o significado de cada imagem inserida no cartaz.

Enquanto um grupo expõe os resultados aos outros alunos, o professor deve conduzir e direcionar a atividade da forma como bem entender, no entanto, indubitavelmente, sua ação deve ser no sentido, sempre, de mediar a atividade lançando provocações, indagando-os sobre qual a relação que pode haver entre as imagens vistas

no curta-metragem, as imagens colocadas no cartaz (figura 4), com a realidade sócio espacial de cada um, estimulando o aluno a refletir sobre o seu arranjo espacial.



Figura 4: Alunos apresentando cartaz temático. Fonte: acervo do autor, 2013.

Após a apresentação dos trabalhos, um momento oportuno e também produtivo surge como possibilidade de uma maior interdisciplinaridade em sala, e o professor novamente, deve agir no sentido de suscitar questionamentos que extrapolem as fronteiras do conhecimento geográfico, possibilitando maiores chances à construção de um conhecimento holístico, com amplitude de entendimento, levando em consideração a diversidade de análises sobre o mesmo objeto.

Ao fim das apresentações, foi aplicado um questionário sobre a oficina, que objetivou identificar se houve êxitos na proposta aplicada, e se houve, quais foram eles. Foram aplicados somente 10 questionários – em razão do alto índice de evasão e infrequência escolar observado na escola. Um dos questionamentos realizados com os alunos foi sobre a avaliação que eles faziam do uso do filme na aula de geografia.

A partir das respostas obtidas (figura 5), foi possível observar resultados positivos em relação a proposta executada.

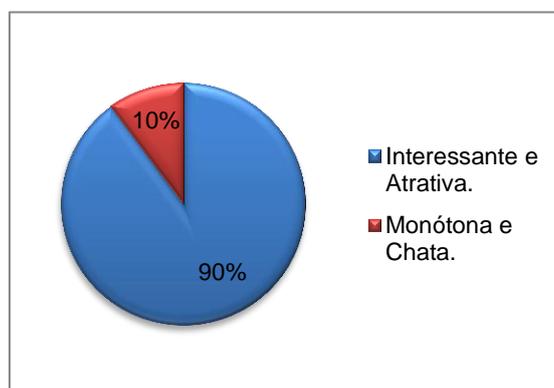


Figura 5. Opinião dos alunos sobre a utilização do filme na aula. Fonte: Acervo do autor, 2013.

Com base no gráfico da página anterior, observa-se que (90%) dos alunos, afirma ter ficado a aula, mais atrativa e interessante com a utilização do filme. As imagens em movimento que se projetam na tela, são responsáveis por instalar uma nova dinâmica na sala de aula, forma-se ali, um elo entre aluno e imagem, mediatizados pela imaginação. E apenas (10%), responderam que a aula, permaneceu monótona e não gerou interesse.

Em outra indagação dirigida aos alunos, procurou observar se o uso do filme durante a aula possibilitou algum tipo de facilidade na hora de compreender sobre o conteúdo abordado, no caso, industrialização. As respostas obtidas (figura 6) foram distintas, mas, em grande parte apontaram que houve vantagens importantes.

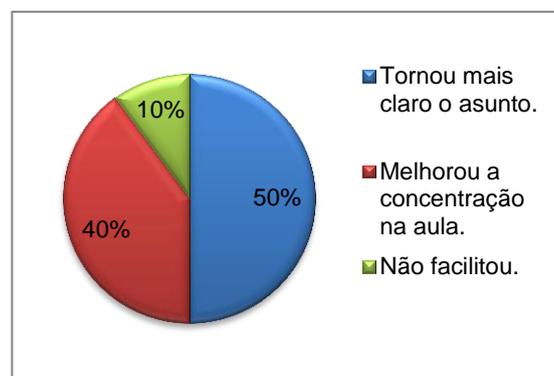


Figura 6: Facilidades que o filme proporcionou no entendimento do conteúdo. Fonte: Acervo do autor, 2013.

Como colocado anteriormente, observou-se distinções nas falas dos alunos ao julgarem sobre possíveis facilidades que o filme teria possibilitado na hora da aula. A partir disso, verificou-se que metade, ou seja, (50%) da turma, encontrou facilidades, sobretudo, porque o filme proporcionou uma contextualização didática entre os conteúdos vistos em sala com a realidade, que, na opinião deles, contribuiu para um maior esclarecimento do assunto.

Já para (40%) dos alunos, o fato de ter o filme como recurso metodológico no auxílio da aula, ajudou a melhorar o índice de concentração no conteúdo, pois, os sons, as imagens e as falas que apareciam no filme, despertavam curiosidade e atenção, exigindo, um olhar e ouvidos sempre atentos ao que o professor dizia. Para (10%) dos que participaram da oficina, não houve nenhuma melhoria, permanecendo a mesma situação de desinteresse pelos conteúdos de estudo geográfico.

Este *feedback* com os alunos é importante, pois fornece os elementos teóricos e práticos que contribuem para traçar critérios de avaliação sobre a atividade, e de como o

aporte da linguagem audiovisual pode subsidiar didaticamente o ensino aprendizagem dos conteúdos de geografia que são desenvolvidos em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões finais deste artigo enveredam na certeza de que o diálogo entre cinema e o ensino de Geografia vem sendo construído paulatinamente por meio de experiências, que vão sendo difundidas e ampliadas dentro das salas de aula, sobretudo, no decurso da última década.

Justifica-se a preocupação atual, em torno das práticas educativas desenvolvidas em muitas escolas, em função de, hoje, as relações sociais serem outras, com dinâmicas variadas, onde realidade e imaginação intercambiam-se num jogo de paisagens complexas e diversas, quanto à forma e ao entendimento.

Portanto, a contínua busca pela ampliação do leque de possibilidades de leitura da realidade social por parte da escola, em especial no ensino da Geografia, é fundamental para o aluno na compreensão dessas mudanças na sociedade.

A partir do exercício de investigação da realidade vivenciado com os alunos da EEEPM São José, em Sobral – CE, foi possível constatar, como o potencial pedagógico contido nas imagens do filme, foi capaz de contribuir na apreensão e compreensão do tema industrialização, por parte dos alunos. E o ensino de Geografia acompanhado da linguagem cinematográfica cumpre bem essa tarefa.

Diante dos resultados obtidos nesta pesquisa, uma das conclusões a que se chega é de que realmente o uso correto do filme faz emergir formas distintas e eficazes de leitura dos arranjos espaciais por parte do aluno. Campos (2006, p. 1), reforça esta análise ao afirmar que o filme “é um recurso que pode ser usado para criar condições para um conhecimento maior da realidade e para uma reflexão mais profunda”. Neste sentido, salienta-se que as imagens do cinema podem se tornar instrumentos que potencializam as análises sobre o espaço geográfico, favorecendo o surgimento de viagens e descobertas, caras tanto ao aluno como ao professor de Geografia.

Finalizando as reflexões nestas últimas linhas, é alertado para o fato de que o diálogo da Geografia com o cinema em sala de aula envolva também, a Sociologia, História, Política, Cultura e Filosofia, contribuindo a uma formação interdisciplinar, que seja capaz de ampliar e solidificar as bases de um aprendizado útil para a vida do aluno. O convite foi feito, a pipoca está pronta, o filme, já vai começar.

## REFERÊNCIAS

A **ILHA**. Direção de Alê Camargo. Brasília/DF: Escola de Audiovisual de Brasília, 2008. Vídeo. Disponível em: < [http://portacurtas.org.br/filme/?name=a\\_ilha8942](http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_ilha8942) >. Acesso em: 12 ago. 2013.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. **Escola e televisão**. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa. 3. Ed. – 1º reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009, p. 343-352.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). A geografia na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2008, p. 109-133.

CAMPOS, Rui Ribeiro de. **Cinema, Geografia e Sala de Aula: estudos geográficos**. Rio Claro, 4(1): 1-22, Junho - 2006 (ISSN 1678-698X). Disponível em: < [www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm) >. Acesso em: 26 jan. 2015.

CATELLI, Rosana Elisa. **Coleção de imagens: o cinema documentário na perspectiva da escola nova, entre os anos de 1920 e 1930**. Educação Social. Campinas, v. 31, n. 111, p. 605-624, abr/jun. 2010 605. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> >. Acesso em: 12 jan. 2015.

GONÇALVES, Claudio Ubiratan; FERNANDES, Glauco Vieira. **Imaginário geográfico do São Francisco no filme, “Na veia do rio, do sertão a foz do baixo São Francisco”**. In: MACIEL, Caio Augusto Amorim (Org.). Entre Geografia e Geosofia: Abordagens Culturais do Espaço. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 231-247.

KARNAL, Leandro. **Conversas com Um Jovem Professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

MAIA FILHO, Pedro Paulo Pinto. **Paisagens em movimento: ensaio sobre as análises do cinema pela geografia**. In: MACIEL, Caio Augusto Amorim. (Org.). Entre Geografia e Geosofia: abordagens culturais do espaço. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2009, p. 191-213.

NEVES, Alexandre Aldo. **Geografias de cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico**. Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 133-156, 1º semestre de 2010. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/viewFile/617/412> >. Acesso em: 23 jan. 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Educação e ensino de geografia na realidade brasileira**. In: \_\_\_\_\_. Para Onde Vai o Ensino de Geografia? – 8 ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção: Repensando o Ensino), p. 135-144.

OLIVEIRA FILHO, Vicente Henrique. **As novas tecnologias e a mediação do processo ensino-aprendizagem**. In: X Simpósio de Produção Científica, IX Seminário de Iniciação Científica. 2010, Teresina. Disponível em: <

[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VLencontro.2010/GT.17/GT\\_17\\_03\\_2010.PDF](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VLencontro.2010/GT.17/GT_17_03_2010.PDF) >. Acesso em: 18 jan. 2015.

PILETTI, Nelson. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Ática, 1997.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iida; CACETE, Nuria Hanglei. **Para Aprender e Ensinar Geografia**. 1º Ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção: Docência Em Formação). Serie Ensino Fundamental.

QUEIROZ FILHO, Antônio Carlos. **A Geografia Vai ao Cinema**. Vol. XIX, nº 21 n./jun. p. 61-70.

SAUER, Carl Ortwin. **A educação de um geógrafo**. *GEOgraphia* – Ano. II – N. 4 – 2000. Disponível em: < <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/47/45> >. Acesso em: 18 jun. 2014.

SILVA, Ana Paula da. **O embate entre a pedagogia tradicional e a educação nova: políticas e práticas educacionais na escola primária catarinense (1911-1945)**. 2012. IX AnpedSul – Seminário de pesquisa em educação da região Sul. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1259/13> >. Acesso em: 18 jan. 2015.

SOUZA, José Arilson Xavier de; ASSIS, Lenilton Francisco de; LIMA, Luzirene Vituriano. O cinema no âmbito escolar geográfico. *In*: DINIZ, Aldiva Sales; OLIVEIRA, Marize Luciano Vital Monteiro de; ARAÚJO; Sergiano de Lima. (Org.). **Propostas metodológicas para aprender e ensinar geografia**. 1ºed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013, v., p. 32-49.

SOUSA NETO, Manuel Fernandes de. **O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor**. Caderno Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249-259, maio/ago. 2005. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br> >. Acesso em: 12 set. 2013.

\_\_\_\_\_. A ágora e o agora. **As Transformações no Mundo da Educação: geografia, ensino e responsabilidade social**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Terra Livre, São Paulo - Nº 14. Jan-Jul/1999, p. 08-20.

TOMITA, Luzia Mitiko Saito. **O saber e o sabor no ensino de Geografia**. *In*: ANTONELLO, Ideni Terezinha; MOURA, Jeani Delgado Paschoal; TSUKAMOTO, Ruth Yoko. (Org.). **Múltiplas Geografias: ensino-pesquisa-reflexão**. Londrina - PR: Edições Humanidades, 2006, v. III p. 29-47.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. Editora do Autor. São Paulo, 2008, 107p.

\_\_\_\_\_. Ensino de geografia e luta de classes. *In*: OLIVEIRA; Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para Onde Vai o Ensino de Geografia?** – 8 ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2003. (Coleção: Repensando o Ensino) p. 18-22.